



A Bomba e o General

Era uma vez um átomo.

E era uma vez um general mau com uma farda cheia de galardões.

O mundo está cheio de átomos.

Tudo é feito de átomos: os átomos são pequeníssimos e, quando se juntam, formam moléculas que, por sua vez, formam todas as coisas que conhecemos.

A mãe e o pai são feitos de átomos. O leite é feito de átomos. A mulher é feita de átomos. O ar é feito de átomos. O fogo é feito de átomos. Nós somos feitos de átomos.

Quando os átomos estão juntos harmoniosamente, tudo funciona na perfeição. A vida assenta nesta harmonia.

Mas quando se consegue quebrar um átomo... e as suas partes vão bater noutros átomos, que vão bater noutros átomos ainda, e assim por aí fora... dá-se uma explosão terrível! É a morte atómica.

Pois bem, o nosso átomo estava triste, porque estava metido dentro de uma bomba atómica. Junto com outros átomos, aguardava o dia em que a bomba seria lançada e eles se quebrariam, destruindo todas as coisas.

Ora, devem saber que o mundo também está cheio de generais que passam a vida a coleccionar bombas. E o nosso general enchia o sótão de bombas.

— Quando tiver muitas — dizia ele — vou fazer uma linda guerra!

E ria-se.

Todos os dias, o general subia ao sótão e punha lá uma bomba novinha.

— Quando o sótão estiver cheio — dizia ele — vou fazer uma linda guerra!

Como se pode não ser mau, quando se tem tantas bombas assim à mão?

Os átomos encerrados nas bombas estavam muito tristes. Por causa deles, ia haver uma enorme catástrofe: iam morrer tantos meninos, tantas mães, tantos gatinhos, tantas cabrinhas, tantos passarinhos, todos, afinal. Seriam destruídos países inteiros:

onde antes havia casinhas brancas de telhados vermelhos e verdes árvores à volta... só ficaria um horrível buraco negro. E assim resolveram revoltar-se contra o general.

E uma noite, sem fazer barulho, saíram todos das bombas e esconderam-se na cave.

Na manhã seguinte, o general foi ao sótão com outros senhores.

Estes senhores disseram:

— Já gastámos um dinheirão para fazer estas bombas todas. Quer deixá-las aqui a ganhar bolor? O que pretende fazer, afinal?

— É verdade — respondeu o general. — Temos mesmo de começar esta guerra. Se não, nunca mais consigo fazer carreira.

E declarou guerra.

Quando se espalhou a notícia de que ia rebentar a guerra atómica, todos ficaram loucos de medo:

— Oh, se não tivéssemos deixado que os generais construíssem bombas! — diziam.

Só que era demasiado tarde. Todos fugiam das cidades. Mas onde podiam refugiar-se?

Entretanto, o general tinha carregado as suas bombas num avião e estava a lançá-las uma a uma sobre todas as cidades. Mas, quando as bombas caíram, como estavam todas vazias, não rebentaram!

E toda a gente, feliz por ter passado o perigo (até parecia mentira!), as usou como vasos de flores.

Descobriram assim que a vida era mais bela sem bombas. E decidiram nunca mais fazer guerras.

As mães estavam mais contentes. Mas também os pais. Todos, aliás. E o general?

Agora que já não havia guerras, foi despedido.

E, para utilizar a farda cheia de galardões, foi para porteiro num hotel. E como agora todos viviam em paz, vinham muitos turistas ao hotel. Até os inimigos de outrora. Até os soldados que antes o general tivera sob as suas ordens.

O general, quando entravam e saíam do hotel, abria a grande porta de vidro, fazia uma vénia ridícula e dizia:

— Bom dia, meu senhor!

E eles, que o reconheciam, diziam-lhe de muito má cara:

— Não tem vergonha? O serviço é péssimo neste hotel!

E o general ficava corado, corado, e calava-se.

Porque, agora, já não valia nada.